

Estratégias para capacitações, troca de experiências e formação de multiplicadores no Plano Brasil Sem Miséria

Brisa Marina da Silva Andrade¹, Samuel Figueiredo de Souza², Cristiano Moraes Campos Santos³, Sonise dos Santos Medeiros⁴, Paulo Sérgio da Mota⁵, Eduardo Henrique R. de Oliveira⁶, José Gouveia de Figueiroa⁷, Fernanda Amorim Souza⁸, Fernando Fleury Curado⁹, Tereza Cristina Oliveira¹⁰

Resumo

O presente trabalho teve por finalidade promover a formação de multiplicadores em tecnologias sustentáveis para produção agropecuária na agricultura familiar, através de ações que motivem a interação entre os técnicos e produtores envolvidos no projeto Plano Brasil Sem Miséria, utilizando-se do diálogo para o compartilhamento de conhecimentos e experiências por meio de ferramentas de Transferência de Tecnologias. Para tal, avaliaram-se diferentes estratégias de comunicação entre técnicos e produtores rurais do território Alto Sertão Sergipano e suas diversas formas de abordagem participativa a partir das metodologias utilizadas pelo Sistemas Agropecuários Sustentáveis, objetivando a inserção de produtores, jovens e mulheres na cadeia produtiva mediante atividades que ampliassem a segurança alimentar e a renda família. Para a

¹ Graduanda em Zootecnia, bolsista Pibiti/Fapitec, Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

² Médico-veterinário, doutor em Zootecnia, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

³ Graduando em Engenharia Florestal, estagiário da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

⁴ Economista-doméstica, mestra em Sociologia Rural, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

⁵ Técnico Agrícola, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

⁶ Administrador de Empresas, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

⁷ Administrador de Empresas, mestre em Comunicação Rural, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

⁸ Historiadora, mestre em Desenvolvimento Meio Ambiente, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

⁹ Engenheiro-agrônomo, doutor em Desenvolvimento Rural, pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

¹⁰ Bacharel em Química, mestre em Agroecossistemas, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE.

análise da proposta metodológica utilizou-se atividades teóricas e práticas previamente estabelecidas pelos técnicos juntamente com os produtores rurais partindo-se da demanda apresentada por eles em reuniões de sensibilização. Ao longo do processo, observou-se que durante a implantação das unidades de demonstração, dos cursos de capacitação e dias de campo, as trocas de experiências e informações foram de extrema importância para todos e que as ações do projeto promoveram a apropriação tecnológica e a compreensão sobre o processo de construção coletiva por parte dos agricultores nos seus diversos momentos de construção da proposta e das capacitações teóricas e práticas. Dessa forma, conclui-se que os resultados obtidos são relevantes e demonstram que a forma de diálogo utilizada pela Embrapa é positiva e produz um efeito multiplicador no que se refere às questões tecnológicas, reconhecendo que as estratégias utilizadas promoveram avanços significativos no tocante às formas de comunicação junto ao agricultor familiar.

Palavras-chave: abordagem participativa, agricultura familiar, extensão rural, transferência de tecnologia.

Introdução

A extensão rural foi difundida no Brasil na década de 1960 e o principal objetivo era aumentar a produtividade agrícola e consequentemente a renda dos produtores. Os métodos dos extensionistas eram preestabelecidos e apesar de levar em consideração os aspectos humanos não havia a preocupação em identificar os problemas dos produtores, apenas existia a indução nas mudanças através das metodologias e pacotes tecnológicos modernizantes utilizados pelos técnicos. Nas décadas de 1960 e 1970, a comunicação na extensão era vista como uma técnica para transmissão unilateral de informações, onde em sua maioria as informações não tinham haver com a realidade da América Latina e tanto as pesquisas quanto as práticas estariam ligadas a preservação do status à perspectiva de mudança na sociedade (KEARL, 1979).

Diante dos tipos de comunicação que existem e suas diversas formas de utilização, o seu conceito está relacionado com o entendimento do comportamento humano. A partir do ambiente, por exemplo, podemos perceber

quais determinantes influenciam tanto a nós como os outros (BERLO, 1997). Essa percepção era vista nas décadas de 1950-1960 onde a pesquisa era dividida em etapas e os indivíduos demonstravam interesse pela inovação agrícola apresentada e a partir da avaliação fazia-se uma pequena tentativa e por fim a adoção da tecnologia (KEARL, 1979). A comunicação rural, na maioria das vezes é entendida e praticada ocultando a realidade ou desviando os produtores dos seus reais problemas. O que deve ser estabelecido nesse processo de comunicação entre técnicos e produtores é uma relação de troca, sendo que o técnico deve conhecer e identificar as necessidades dos produtores, tanto no âmbito produtivo, como no social, cultural, econômico a fim de trazer soluções para eles (FRIEDRICH, 1988). Além disso, ele deve utilizar métodos compreensíveis pelos produtores, pois o problema da comunicação também está relacionado com o modo de ensino e aprendizagem, onde não basta dispor de palavras, mas de ensinamentos para adoção através da prática (BORDENAVE, 1983).

As metodologias utilizadas pela pesquisa podem ser caracterizadas de duas formas: quantitativa e/ou qualitativa e varia de acordo com o objetivo da pesquisa. O primeiro consiste na utilização de formulação e testes de hipóteses, bem como dados estatísticos (FONSECA, 2008) e o segundo trata-se de uma abordagem interpretativa e costuma ser direcionada, ao longo do seu desenvolvimento, além de não utilizar a estatística para análise de dados. O autor ainda diz que os métodos qualitativos buscam compreender o significado que os acontecimentos têm para pessoas comuns, em situações particulares. Geralmente os sistemas utilizados pela Embrapa não se adequam às técnicas que envolvem produtor como ator principal e muitas vezes há dificuldades na identificação dos problemas nas comunidades. Segundo Mayring (2002), há seis delineamentos para identificação da pesquisa qualitativa: estudo de caso, análise de documentos, pesquisa-ação, pesquisa de campo, experimento qualitativo e avaliação qualitativa. A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada por um espectro de métodos e técnicas, adaptados ao caso específico, ao invés de um método padronizado único. Ressaltam, assim, que o método deve se adequar ao objeto de estudo.

Diante disso, o presente trabalho teve por objetivo formar multiplicadores em tecnologias sustentáveis para produção agropecuária na agricultura familiar, desenvolvendo ações que motivem a interação entre os técnicos e produtores

envolvidos no projeto, utilizando-se do diálogo para o compartilhamento de conhecimentos e experiências por meio de ferramentas de transferência de tecnologias.

Material e Métodos

O Plano Brasil Sem Miséria (PBSM) é um projeto que visa à inclusão produtiva de produtores familiares e tem como objeto auxiliar estas famílias a desenvolverem atividades que ampliem a segurança alimentar e a renda familiar, além da inclusão de jovens e mulheres. Essas atividades foram desenvolvidas em seis municípios localizados no Alto Sertão Sergipano por ser a região onde o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e a renda per capita de cada integrante familiar são menores. Diante disto, as oficinas de capacitações e dias de campo foram realizadas nos municípios de Nossa Senhora da Glória, Gararu, Porto da Folha, Monte Alegre, Canindé de São Francisco e Poço Redondo, tendo como objetivo formar multiplicadores em tecnologias sustentáveis para produção agropecuária na agricultura familiar (OLIVEIRA et al., 2013).

Nessas localidades, utilizou-se da metodologia proposta e validada pelo Sistema Agropecuário Sustentável, que propõe um formato de unidade demonstrativa (UD) ou unidade de experimentação (UE), implantada em localidades onde se concentram atividade rural de base familiar, mas que tem seu foco não no resultado final por si só, e sim na construção coletiva do conhecimento e a adoção de soluções tecnológicas de base sustentável. Sua implantação deve atender a cinco diretrizes básicas: 1) implantação em comunidades com baixo acesso a tecnologias, gerando oportunidades de socialização dos conhecimentos desenvolvidos pela pesquisa, assim como a valorização e a incorporação dos saberes locais na conformação do sistema; 2) atendimento às demandas e interesses dos agricultores familiares, otimizando a utilização de recursos locais disponíveis e a capacidade de investimento destas famílias. As culturas e criações, assim como as tecnologias a elas associadas, são definidas e monitoradas pelos atores locais, a partir dos resultados de pesquisas já realizadas e validadas; 3) os cultivos são diversificados, de acordo com os arranjos definidos localmente, buscando-se, sempre que possível, a conformação de sistemas que integrem a produção vegetal (cultivo de grãos, raízes e hortaliças para o consumo humano) e animal (com a produção de

forragens: leguminosas, cactáceas, grãos e raízes) para alimentação animal, assim como, os arranjos que sejam apropriados para a realidade climática da região; 4) nos arranjos de cultivos, são privilegiadas aquelas culturas que realizem a recuperação, o enriquecimento e a conservação dos solos por meio da fixação e ciclagem de nutrientes (nitrogênio, potássio, matéria orgânica) ou que realizem a sua proteção e cobertura, favorecendo a umidade e a manutenção dos macro e microrganismos, benéficos ao agroecossistema; 5) a participação social é garantida a partir da conformação de espaços coletivos de reflexão e de decisão, constituídos com os agricultores/as da área acompanhada e, quando for o caso, do seu entorno, objetivando o planejamento e o monitoramento do sistema, bem como os intercâmbios e trocas de conhecimentos, fortalecendo a organização social, as relações de gênero e geração e, conseqüentemente, a integração social e cultural no território. Para garanti-la, são formados Grupos de Interesse (GI), que assumem o papel de gestor local das ações coletivas, bem como a promoção e divulgação dos trabalhos na comunidade. Assim, a participação social fortalece as discussões e favorece a identidade dos atores locais (SOUZA et al., 2011).

A execução dos trabalhos junto ao PBSM seguiu seis passos para sua implantação, respeitando sua sequência lógica e os objetivos específicos de cada momento (SOUZA et al., 2015), sendo esses: 1) identificação da demanda: que consiste em saber a origem da demanda, podendo esta ser interna ou externa. A interna ocorre quando a Embrapa precisa levar o conhecimento tecnológico a certo público já definido, enquanto a externa ocorre quando determinada comunidade, sindicatos de trabalhadores, associações, dentre outros, procuram a Embrapa em busca de novos conhecimentos tecnológicos em determinadas áreas de produção, sejam elas na área da pecuária ou agricultura; 2) reunião de sensibilização e conhecimento da realidade local: depois de caracterizada a demanda e identificado o público-alvo a ser trabalhado, procura-se verificar as reais necessidades do grupo interessado, através de uma reunião de sensibilização que acontece na própria comunidade. Nesses momentos, um mediador (geralmente os técnicos da Embrapa) orientam as discussões permitindo que os interessados (demandantes) informem o que produzem em suas propriedades, quais são os problemas enfrentados, o que desejam produzir ou melhorar na produção. Dessa forma, faz-se um diagnóstico geral da situação da comunidade e dos agricultores; 3) apresentação da proposta de trabalho:

Através desse diagnóstico, apresenta-se aos demandantes a proposta do Sistema Agropecuário Sustentável, mostrando todas as diretrizes do Sistema e explicando como se dá o processo de implantação e monitoramento da UD. Assim, se estiverem de acordo e aceitarem implantar o Sistema, é constituído um “Grupo de Interesse” (GI) que consiste em pessoas do próprio local demandante, que ficarão responsáveis por construir e conduzir juntamente com os técnicos a UD e dessa forma, aprender todo o processo de cultivo dos produtos escolhidos por eles, desde o preparo da área, até a colheita, para que depois sejam multiplicadores do conhecimento aprendido por eles;

4) planejamento de atividades: após a formação do GI, faz-se uma reunião com o grupo para definir quais serão os arranjos produtivos e exatamente o que será implantado na UD em consonância com o diagnóstico realizado e com a viabilidade técnica de cada cultura para a localidade em questão. Ainda fazendo parte do planejamento, define-se o calendário de atividades para execução dos trabalhos de implantação e das capacitações técnicas, bem como os respectivos responsáveis por cada atividade, além de possíveis encaminhamentos. Importante ressaltar que tudo é discutido e decidido de forma coletiva, com técnicos e agricultores, para que todos se sintam participantes das discussões, estejam de acordo com as decisões tomadas por todos e assumam as suas responsabilidades para o andamento dos trabalhos;

5) execução das atividades: é na execução que ocorre a implantação propriamente dita da UD, que poderá ocorrer em um único momento ou subdividida em diversas etapas. Faz parte da fase de execução a realização das capacitações técnicas demandadas pelos produtores ou identificadas durante o momento de diagnóstico da realidade local. Importante ressaltar que são demandas de “fluxo contínuo” e, portanto, podem ser incluídos novos pedidos e novas ações de capacitações ao longo do plano de trabalho. É também na fase de execução que são realizados os dias de campo, nos quais são convidados produtores de outras regiões para conhecer o trabalho desenvolvido e o que está sendo produzido naquele local. Busca-se nesse momento, fazer com que o próprio GI apresente os trabalhos e as tecnologias ali disponibilizadas explicando “com suas próprias palavras” o que e como foi realizado, evidenciando assim o domínio sobre os conhecimentos técnicos, o que caracteriza a “apropriação tecnológica” por parte dos produtores envolvidos no processo de Transferência das Tecnologias. Ainda na fase de execução, dá-se início também ao processo de monitoramento das tecnologias disponibilizadas, o qual deverá se estender até o momento final dos trabalhos;

6) avaliações: as avaliações são realizadas geralmente duas vezes por ano, sendo uma no meio do ano (parcial) e outra no final do ano (final), com o objetivo de realizar um resgate das atividades planejadas e realizadas, discutir os pontos fortes e fracos, identificar as pendências dentre as atividades planejadas, promover o debate sobre possíveis melhorias tanto na UD quanto na condução das atividades.

Resultados e Discussão

Partindo da metodologia utilizada, tornou-se possível a participação e envolvimento de todos os atores (Agricultores & Técnicos da Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural) de forma ativa durante todos os processos de construção e execução da proposta de trabalho de intervenções junto ao público do PBSM. Esse envolvimento mútuo permitiu não somente a realização de diagnósticos quanto às dificuldades dos agricultores, mas também foram importantes momentos de reflexão acerca do método de atendimento das demandas desse público por parte dos Técnicos responsáveis. Durante a fase de diagnóstico, a principal demanda identificada foi carência de uma assistência técnica presente, capacitada e comprometida, pois muitos produtores iniciavam alguma criação ou plantio sem qualquer tipo de recomendações técnicas, fazendo com que seus investimentos e esforços não dessem retorno. Outro fator limitante era a deficiente infraestrutura do corpo técnico para o atendimento das demandas dos agricultores, pois recomendações técnicas e insumos eram necessários para que a atividade fosse desenvolvida a contento pelos agricultores.

Observando-se os mapas de diagnósticos, eram comuns as demandas para aumentar a produção dos grãos e raízes para utilizar na alimentação animal, métodos de conservação disponibilidade desses alimentos para os períodos mais secos do ano e instalações adequadas que permitam o manejo adequado para a criação de ovinos e aves. Diante disso, realizou-se um mutirão com os agricultores e as atividades foram subdivididas para otimizar o trabalho para atendimento dessas demandas a partir da disponibilização das tecnologias mais adequadas para tal. Antes de cada atividade reservou-se um momento para explicar a metodologia que seria utilizada para maior compreensão de todos, como por exemplo, o espaçamento utilizado entre as culturas, os tipos

de instalação e método de implantação das mesmas, de maneira que a final de cada discussão e de cada implantação fosse oportunizado momentos para questionamentos, discussões e esclarecimentos quanto aos trabalhos realizados em grupo.

Outras importantes atividades demandadas e desenvolvidas junto ao público do PBSM foram a realização de Curso de Capacitação Técnica em Manejo de Ovinos e o Curso de Produção de Conservação de Forragens, ambos utilizando de metodologia participativa e focada em abordagens teóricas e práticas, sendo as discussões pautadas em problemas e entraves reais, objetivando a orientação do passo a passo a ser seguido frente a cada situação trabalhada. Na abordagem teórica, foram conduzidas e provocadas discussões participativas em forma de oficinas, priorizando detalhamento dos relatos e descrições de problemas coletados junto aos participantes do curso. Especial atenção foi dada aos casos e respectivos procedimentos comumente adotados pelos agricultores, permitindo assim não somente um diagnóstico de causas, mas também das falhas nas medidas adotadas para correções frente aos problemas enfrentados. As partes práticas foram a continuação dos casos identificados e discutidos no momento teórico, permitindo demonstrações repetidas e detalhadas para que uma maior assimilação de cada passo dos procedimentos corretos a serem adotados.

O Curso de Capacitação Técnica em Manejo de Ovinos foi essencial para os agricultores, pois objetivou orienta-los quanto à criação racional destes animais utilizando o dia a dia deles no campo, pois os produtores tiveram a oportunidade de ter a teoria aliada à prática, onde se discutiu os manejos nutricional e higiênico-sanitário das diferentes fases de vida dos animais, mostrando-se ainda como se faz um planejamento reprodutivo. Com igual importância perante as demandas identificadas, o Curso de Produção de Conservação de Forragens para alimentação animal permitiu um maior aprofundamento sobre o tema, onde foi mostrado o melhor método para corte, processamento e utilização de leguminosas como a gliricídia, bem como a demonstração das fases para a conservação da planta, de maneira que os produtores tiveram a oportunidade de conhecer e realizar os processos de fenação e ensilagem dessa importante leguminosa. As perguntas iam surgindo no decorrer da prática, sendo que as mais frequentes eram relacionadas ao

tempo para a silagem ficar pronta e a quantidade que deveria ser fornecida. Por fim, todos perceberam a importância em conservar o alimento nos períodos secos do ano e se comprometeram em fazer sempre com a ajuda do outro.

Como a maioria dos produtores já criavam pequenos ruminantes e aves se fizeram necessário à implantação de instalação para estes animais, permitindo assim a interação dos técnicos com diferentes grupos de agricultores. Todos participaram ativamente da construção do aprisco e galinheiro, sendo notável a satisfação em participar da atividade, pois planejavam executar o trabalho em suas propriedades almejando o aumento da produção a partir da percepção de que seria possível a construção uma boa instalação que se adeque ao bem estar dos animais, a um baixo custo e utilizando materiais alternativos sempre que necessário. Todo o processo de construção foi feito mediante a utilização do croqui e orientação técnica para facilitar a compreensão de todos. Ao final, percebeu-se a surpresa em construir o comedouro, bebedouro e saleiro para os animais a partir de bombonas plásticas, pois além da facilidade em conseguir os materiais, o equipamento facilitaria o manejo pelo produtor com baixo custo e elevada durabilidade.

Conclusões

Diante do exposto, pode-se concluir que as estratégias de comunicação, as trocas de experiências e a formação de multiplicadores utilizados no âmbito do PBSM diferenciam-se das formas tradicionais de comunicação, uma vez que, pautada no diálogo e na construção participativa, permitiu a troca de experiências e informações, fazendo com que técnicos e agricultores contribuam para o enriquecimento do trabalho. Conclui-se também que as ações do projeto promoveram a apropriação tecnológica e a compreensão sobre o processo de construção coletiva por parte dos agricultores nos seus diversos momentos de construção da proposta e das capacitações teóricas e práticas, onde os resultados obtidos são relevantes e demonstram que a forma de diálogo utilizada pela Embrapa é positiva e produz um efeito multiplicador no que se refere às questões tecnológicas.

Por fim, entende-se que embora a presente metodologia para transferência de tecnologias proposta para o PBSM não seja adotada por todos os técnicos, não deve ser irrelevante o fato de que foi um grande avanço no tocante às formas

de comunicação junto a esse público, onde faz-se necessário uma mudança na postura social e na forma de levar o conhecimento aos agricultores.

Referências

BERLO, D. K. **O processo da comunicação**: introdução à teoria e a prática. 8 ed. São Paulo, 1997.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação rural?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

FRIEDRICH, O. A. **Comunicação rural**: Proposição Crítica de uma nova concepção. Brasília: Embrater, 1988.

KEARL, B. **Comunicação para o desenvolvimento agrícola**. Brasília: Embrapa, 1979.

MAYRING, P. Qualitative Content Analysis [28 paragraphs]. **Qualitative Social Research**, v. 1, n. 2, 2002.

OLIVEIRA, T. C.; SOUZA, S. F.; Curado, F. F.; MENDONCA, J. J.; TAVARES, E. D.; MEDEIROS, S. S. Estratégias participativas para a intervenção social no PBSM: A realidade do Território Rural do Alto Sertão Sergipano. In: ENCONTRO LATINOAMERICANO DE AGROECOLOGIA, 3., 2013, Botucatu. **Anais...** Botucatu, 2013.

SOUZA, S. F.; NASCIMENTO, T. S.; MEDEIROS, S.S.; ANDRADE, B. M. S.; MOTA, P. S.; SANTOS, C. M. C.; CURADO, F. F. Estratégias de comunicação para o ambiente rural: abordagem em sistema agropecuário sustentável para transferência de tecnologias. **Scientia Plena**, v. 11, 2015.